

# Missão de Pesquisas Folclóricas: Música Tradicional do Norte e Nordeste, 1938

Carlos Sandroni<sup>1</sup>

Caixa com 6 CDs e 4 livretos com ilustrações e fotografias. Curadoria de Marcos Branda Lacerda. Textos de Marcos Branda Lacerda, Flávia Camargo Toni, Jorge Coli, Carlos Augusto Calil e Danilo Santos de Miranda. Seleção musical de Marcos Branda Lacerda e Rosa Maria Zamith. São Paulo: SESC São Paulo e Prefeitura da Cidade de São Paulo (Secretaria Municipal de Cultura e Centro Cultural São Paulo), 2006.

Mário de Andrade foi diretor do Departamento de Cultura do Município de São Paulo de 1936 a 1938. Como tal, enviou ao Norte e ao Nordeste do país uma equipe de pesquisadores que, de fevereiro a julho de 1938, fez gravações de música popular de tradição oral *in loco* em diversos pontos de Pernambuco, Paraíba, Maranhão e Pará. O precioso acervo reunido foi organizado e parcialmente estudado por Oneyda Alvarenga, que publicou entre 1948 e 1955 vários livros e discos relativos a ele. No início dos anos 1980, a musicóloga Flávia Toni retomou a pesquisa sobre o acervo, no que foi seguida pelo historiador e músico Álvaro Carlini e outros. Também foi nesta década que a Fundação Vitae “adotou” a coleção, possibilitando que suas condições de conservação melhorassem de maneira bastante significativa. A publicação desta coletânea, em agosto de 2006, foi justificadamente saudada – no Brasil e fora do país – como um acontecimento cultural de primeira grandeza e veio finalmente pôr ao alcance de um público amplo amostra expressiva do que foi gravado há setenta anos. (O CD *The Discoteca Collection*, editado nos Estados Unidos pelo *Endangered Music Project-Library of Congress* em 1997, traz um fragmento muito menor do acervo e é de acesso muito mais difícil para o público brasileiro.)

A qualidade técnica das faixas é excelente, tendo em vista as circunstâncias. As gravações foram feitas com tecnologia de ponta da época: um gravador *Presto Recorder* que gravava diretamente em discos de acetato, os quais serviam de base para

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Música da Universidade Federal de Pernambuco.

masterização e posterior prensagem de cópias. As condições de conservação destes discos estiveram longe das ideais até os anos 1980. Mas, desde então, os fonogramas foram guardados, digitalizados e limpos por meio dos mais avançados processos disponíveis.

O principal critério de escolha adotado por Marcos Branda Lacerda em sua seleção foi o da inclusão de pelo menos uma faixa de cada manifestação presente no acervo. Ganhou com isso a variedade musical. A seqüência dos CDs acompanha a ordem cronológica das gravações. A coletânea começa com os cantos de carregadores de piano de Recife, um dos pontos altos do acervo. Seguem-se, entre outros: cocos, aboios, bandas de pífanos, cantoria de viola, acalantos, vários tipos de danças dramáticas, vários tipos de música religiosa, concluindo-se em Belém do Pará com a pajelança cantada por Satiro (*sic*) Ferreira de Barro.

A opção de incluir gravações feitas pelo Departamento de Cultura em São Paulo com uma congada de Lambari (Minas Gerais), anterior à partida da Missão, parece-me discutível. Afinal, a coletânea é apresentada como relativa à Missão de Pesquisas Folclóricas e não ao Acervo Histórico da Discoteca Oneyda Alvarenga como um todo. Este é de uma riqueza que não se resume à Missão e mereceria sem dúvida uma publicação específica, onde a congada de Lambari encontraria seu lugar.

A música registrada pela Missão não é de escuta fácil para o “ouvinte médio” (incluindo o autor desta resenha). Ainda bem. De músicas de escuta fácil, sem dúvida necessárias também, há bastante suprimento. Mas talvez o mais importante seja que sua dificuldade é de um tipo que questiona a própria noção que acabo de empregar, de “ouvinte médio”. Há fortes chances de que a maneira como estas músicas seriam escutadas por pessoas a elas ligadas mais de perto seja muito diferente da minha e da do leitor ou leitora. (Tenho testemunhado isso em meu trabalho sobre a música do xangô pernambucano, ao escutar e comentar as faixas correspondentes junto com o povo do santo.) Estaria tal maneira fora da “média”? Não seria ela, talvez, relevante para a formulação de juízos propriamente críticos sobre o conteúdo da coleção?

Também por isso soa mal a seguinte afirmação no texto de Jorge Coli:

Elas [as comunidades e individualidades que produziram a música aqui registrada] não pertencem a um ‘nós’ brasileiro: são o outro, e impõem que se reconheça, com o respeito necessário, sua alteridade.

A meu ver, Coli, a quem devemos, entre outros trabalhos relevantes, uma brilhante análise do “Mundo Musical” de Mário de Andrade, não pretende negar, apesar da letra do texto, a condição de brasileiras a estas pessoas, e sim afirmar que elas não resumem, mais que outros grupos definidos por outros critérios geográfico-musicais, o que é ser brasileiro, com o que, suspeito, o próprio Mário de Andrade concordaria.

Ou será que, parafraseando à inversa George Orwell, alguns grupos “são mais outros que os outros”? Justamente, a dificuldade para o tal do “ouvinte médio” é um testemunho de que a pergunta faz sentido. (Por exemplo, Marcelo Coelho, na *Folha de S. Paulo* de 23 de agosto de 2006, fala, a propósito destas gravações, da “impressão de um vozerio inexpugnável, estrangulado e aflito, como se alguém gritasse do fundo de um poço”). Mas esta impressão de “alteridade absoluta” é um sintoma da nossa miséria social e não algo que se relacione remotamente com o respeito a seres humanos. Bem ao contrário, ela pode nos levar a esquecer que, na origem de cada um dos fonogramas produzidos, há pessoas de carne e osso. Foi o que aconteceu no CD 1, faixas 23 (“Mande cortar capim”) e 30 (“Oh roseira”), cantadas por Senhorinha Freire Magalhães – informação pública desde janeiro de 2005 e omitida nos créditos.

Mas não é o menor dos méritos desta magnífica e longamente esperada publicação, o de nos possibilitar ouvir um pouco melhor os gritos que vêm do fundo do poço. Entender que estes gritos são também a expressão de uma musicalidade transbordante, e tão viva hoje como em 1938, é tarefa para nós, distinto público – e para as próximas gerações.